

APRESENTAÇÃO

Lígia Amâncio

Hoje em dia, o discurso do senso comum apropriou-se do género. Em Portugal, tal como já acontecera noutros países, o termo foi-se tornando cada vez mais frequente nos discursos mediático, político e da investigação. Mas quando ouvimos falar dos géneros e lemos estatísticas ou resultados de uma sondagem de opinião *por* género, a pergunta que se coloca é se, afinal, o género é apenas uma nova designação para sexo, que resulta de uma moda ou de um entendimento estritamente normativo do politicamente correcto. Qual é, então, a diferença entre sexo e género? Se o sexo, tal como qualquer outro atributo físico, não é certamente um conceito das ciências sociais, a verdade é que o género surge naquela acepção, aparentemente despedido de qualquer estatuto conceptual ou analítico...

Embora encontremos referências ao género muito para além do contexto disciplinar e temporal que nos ocupa, é do género enquanto conceito que se trata neste número especial da PSICOLOGIA. Nele se abre ao público português um debate que tem já uma longa história no seio da psicologia social e de outras ciências sociais nos Estados Unidos, na Europa e na Austrália e que, mais recentemente, conheceu um grande desenvolvimento na América Latina. Um dos aspectos centrais desse debate, e que será aqui objecto de particular atenção no caso da psicologia, é justamente, o contributo do próprio discurso da ciência para a confusão entre sexo e género que é, hoje, evidente no discurso do senso comum. Mas este debate surge também no contexto da emergência de novos movimentos sociais, como o feminismo da segunda vaga, que marca as suas origens e questiona as suas implicações sociais. O contributo do feminismo torna-se, portanto, indispensável para a compreensão do debate teórico e das suas implicações para a acção, pelo que a PSICOLOGIA proporciona, também com este número, a divulgação de alguma literatura ainda pouco conhecida na investigação psicológica em Portugal.

Assim, o primeiro artigo apresenta uma breve história do percurso do género na psicologia, em particular a norte-americana. Para mostrar a resistência da disciplina ao conceito de género salienta-se a persistência do enfoque da investigação sobre as pessoas sexuadas concretas e a consequente negligência dos processos de significação do sexo que a teoria das representações sociais, de origem europeia, permite investigar. O artigo de Conceição Nogueira, sobre a recente proposta teórica do construcionismo social, mostra como esta corrente representa, talvez, a crítica mais radical às teorias e aos métodos da psicologia dominante, situa as suas origens na confluência da teoria feminista e do pós-modernismo e desenha o quadro de uma psicologia feminista que implica um novo olhar sobre o género. O artigo de Miguel Pina e Cunha, João Vieira da Cunha e Isabel Pereira Leal aborda o papel da teoria feminista das organizações no desenvolvimento de uma

perspectiva crítica da psicologia organizacional, que questiona os pressupostos básicos e as finalidades desta área aplicada da psicologia, cuja genderização é, em geral, ignorada pelos investigadores.

Os dois últimos artigos remetem-nos, na sua vertente empírica, para a realidade portuguesa, e mostram, também eles, como a perspectiva de género contribui para a desconstrução de olhares simplistas sobre as relações entre homens e mulheres, no caso do primeiro, e sobre o desempenho escolar, no segundo. A perspectiva de género, adoptada nestes estudos, faz eclodir a dualidade dos sexos, tornando claro que a pertença sexual não é uma condição necessária para a compreensão das representações sobre as relações na família, nem suficiente para a análise do sucesso e insucesso escolares. Os resultados do estudo de Gabrielle Poeschl e Aurora Silva mostram que os juízos sobre a divisão do trabalho doméstico são independentes do sexo do cônjuge que os adopta, ou seja, que nem todas as mulheres são igualitárias nos seus juízos, como nem todos os homens o não são. Este estudo mostra, além disso, a persistência das crenças sobre o papel tradicional feminino na família e a sua alegre convivência com um discurso igualitário que se difundiu, actualmente, na sociedade portuguesa. O estudo de Luísa Saavedra, ao cruzar indicadores de classe social com o sexo, vem mostrar que o sucesso e insucesso escolares estão ligados a uma condição social, para a qual o género participa, e não dependem de atributos sexuais. Os resultados deste estudo, que se insere num projecto de investigação mais vasto, permitem questionar alguns dos pressupostos subjacentes ao debate público sobre o desempenho escolar.